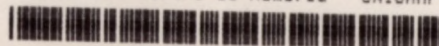


A ARTE do "Pessoal do Victor" sai de cena. Mas o grupo não se desfez. O Estado de São Paulo, São Paulo, 19 jul. 1981

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030062

A arte do "Pessoal do Victor" sai

de cena. Mas o grupo não se desfez

Da sucursal de CAMPINAS

O "Pessoal do Victor", um dos mais ativos grupos de pesquisa de artes cênicas do País, parou. Mas, na verdade, apenas para que seus oito integrantes descansassem do período de quase nove anos em que trabalharam juntos e pudessem, assim, atuar separadamente em outras montagens. A equipe, radicada no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, onde comanda desde 1978 o Centro de Teatro, sentiu a necessidade dessa separação no final do ano passado, quando encerrou a temporada de quase dois anos da peça "Na Carrera do Divino" — sucesso nacional que obteve nove prêmios, entre eles o de melhor espetáculo de 1979.

O grupo não se desfez. Tanto, que até o final deste ano ele será reunido novamente para articular um novo espetáculo, na mesma linha em que foram realizados os trabalhos anteriores, partindo de uma pesquisa profunda sobre um tema real, que ainda será escolhido. Além disso, o "Pessoal do Victor" pretende, sob orientação do responsável pelo Centro de Teatro da Unicamp, Celso Nunes, montar uma peça incorporando toda a experiência da equipe integrada aos alunos e a outras áreas da Unicamp, como Antropologia, Sociologia e Lingüística.

Esse espetáculo, que deverá ser apresentado no próximo ano, durante o encontro nacional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Campinas, terá como base a peça "Cafundó", escrita por Waterloo Gregório, sobre a comunidade negra no bairro do Cafundó, na região de Sorocaba.

Segundo Celso Nunes, o Trabalho — que pode também ser aplicado a outra comunidade de negros com raízes africanas descoberta em Minas Gerais, com os mesmos costumes dos moradores do Cafundó — dará oportunidade para se colocar um grande número de negros no elenco, "o que quase não existe no Brasil". Para ele, só através de uma pesquisa sobre o tema é que poderão montar um trabalho "profundo, mostrando, inclusive, uma raça em processo de extinção".

O "Pessoal do Victor" (Celso Nunes, Paulo Betti, Adilson Barros, Waterloo

Gregório, Marcília Rosário, Eliane Giardini, Márcio Tadeu e Reinaldo Santiago) instalou-se na Unicamp em 1978, a partir de um convite feito ao professor Celso Nunes, para desenvolver um trabalho de pesquisa junto ao departamento de teatro. Conseqüentemente, foram criados oito trabalhos com alunos, liderados pelos integrantes do "Pessoal do Victor", paralelamente às atividades profissionais do grupo.

Atualmente, Paulo Betti e Eliane Giardini estão fazendo a peça "Aurora da Minha Vida", de Naum Alves de Souza, que estreou no início do mês no Teatro do Bixiga. Marcília, Reinaldo e Márcio Tadeu estão trabalhando na peça "Cães Malditos", que deve estreiar em breve, e Adilson faz, ao lado de Irene Ravache, o espetáculo "Final uma Mulher de Negócios". Waterloo e Celso Nunes não participam de nenhum espetáculo neste período.

Na Unicamp, os atores do "Pessoal do Victor" já montaram vários espetáculos com os alunos do Centro de Teatro, nos últimos três anos. Entre eles, "A Patética", de João Ribeiro Chaves Neto, e "Em Nome do Pai, Filho e Espírito Santo", de Paulo Pontes, apresentadas no Campus universitário, sob a direção de Reinaldo Santiago. Outra peça com estudantes foi "Ubu Rei" de Alfred Jarry, dirigida por Paulo Betti. Neste ano, foram apresentados dois **Happenings** com os alunos do Centro de Teatro: um sobre a sexualidade, coordenado por Márcio Tadeu, e outro sobre os problemas da Universidade, por Adilson Barros. "A Lata do Lixo da História", de Roberto Schwarz, professor da Unicamp, apresentada na SBPC, em Salvador, está em cartaz no Pátio da Cruz na PUC, sob direção de Betti.

No segundo semestre, os alunos apresentarão a peça "o berço do herói", de Dias Gomes, dirigida por R. Barros, e que já vem sendo ensaiada. Além disso, no final do ano, Waterloo montará um espetáculo sobre as músicas de John Lennon, e Eliane Giardini apresentará uma criação coletiva sobre a "Declaração dos Direitos Humanos".

As aulas dos cursos de teatro desenvolvidos na Unicamp são realizadas no período de almoço, para não atrapalhar as atividades principais dos estu-

dantes, na maioria alunos de cursos de graduação da própria universidade, pessoas da comunidade e até mesmo professores. "Não estimulamos os alunos a fazer teatro, como opção profissional, por não ser uma atividade compensadora financeiramente", afirmou Paulo Betti, lembrando que "por isso, não há triagem entre os pretendentes ao curso".

O Centro de Teatro da Unicamp iniciou suas atividades com aulas sob as árvores do **campus** ou em salas emprestadas, por não haver espaço físico disponível. Hoje, ele funciona no prédio do Instituto de Artes, onde os professores vêm montando, inclusive, uma biblioteca, que já conta com 200 peças teatrais catalogadas. A luta principal dos professores, agora, é conseguir a instalação do curso a nível de graduação.

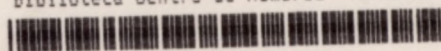
O "Pessoal do Victor" se caracterizou por trabalhar sempre a partir de temas reais, pesquisando profundamente o assunto abordado. "Não montamos simplesmente uma peça — afirma Betti. Atrás dela está sempre um trabalho calcado em experiências de outras áreas, como a Sociologia, Política, Antropologia etc. Descobrimos que essa é uma maneira viva de fazer teatro".

Paulo Betti entende que as teses desenvolvidas dentro de uma universidade não podem simplesmente ficar na gaveta: "Nada melhor que o teatro para aproximar as pessoas das reflexões acadêmicas e popularizar essas teses em forma de peças. Por isso, nós temos grande fé no trabalho a partir da realidade, adotando um pouco a filosofia do trabalho universitário, porém sem o seu academicismo".

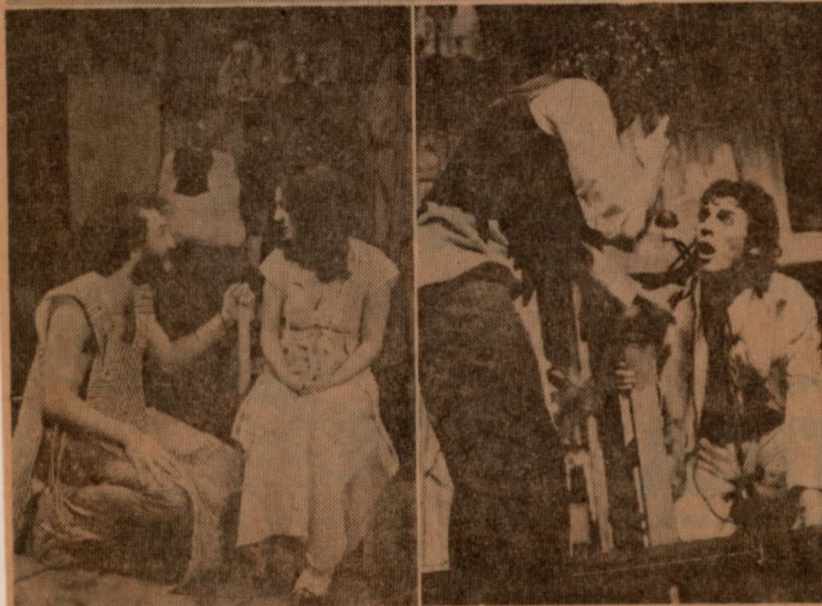
Para Celso Nunes, "de repente, o teatro é capaz de concentrar um período grande da história, uma parte da nossa própria vida. É uma experiência magnífica, e que acontece quando ela é baseada na experiência de vida. O espectador sai do espetáculo com uma bagagem nova, sentindo que aprendeu alguma coisa, e por isso o trabalho, geralmente, é bem aceito. Ao passo que o trabalho de ficção precisa ser muito bem feito para ser sucesso".

JPT 8.5.11.94-2
A ARTE do "Pessoal do Victor" sai de cena. Mas o grupo não se desfez.
O Estado de São Paulo, São Paulo, 19 jul. 1981.

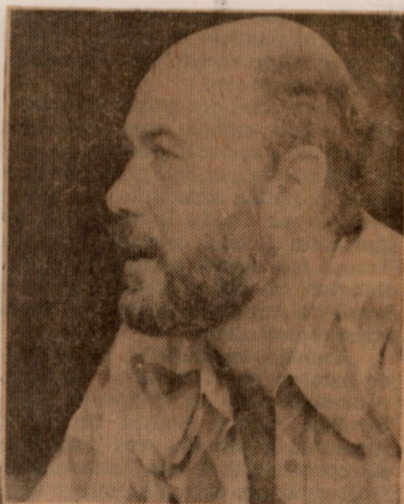
Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030066



Atuando em outras montagens, o "Pessoal" voltará em 82



Nunes: "Teatro é parte da vida"

A trajetória

O "Pessoal do Victor" — nome dado ao grupo desde o sucesso, em 1974, do espetáculo "Victor ou as crianças no poder", de Roger Vitrac — surgiu em 1973, com a união de um grupo de atores formados pela Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo. Nesse mesmo ano, a equipe montou duas peças: "O Inspetor Geral", de Gogol, sob direção de Sílvio Zilber, e "Doente Imaginário", de Molière, dirigida por Antonio Mercado. No ano seguinte, "Fora, diante da porta", de Wolfgang Borchert, dirigida por Jonas Bloch, são apresentadas pelo grupo em São Paulo.

A seguir, o grupo concluiu uma pesquisa sobre o método de interpretação de Stanislavsky, em curso ministrado por Celso Nunes na EAD, resultando na montagem de "Victor, ou as crianças no poder". Vinculado ao movimento surrealista, o espetáculo, que enfoca a vida de um garoto excepcional, acabou sendo convidado a participar do Festival de Nancy, na França, e de Palermo, na Itália. O sucesso foi enorme, o que resultou em sua remontagem no festival Incontroazione-75, primeiro encontro internacional de teatro estudantil.

Em 1976, o grupo realiza pesquisa sobre o índio e as tribos em extinção no planeta, com a colaboração de Orlando e Cláudio Villas-Boas, Peter Fry e outros. A partir daí, montam "Os Iks", de Peter Brook, Denis Cannan e Colling Higgins, numa adaptação do romance de Colin Turnbull. Em 77, montam "O Processo", de Kafka, seguido pela encenação de "Cerimônia para um negro assassinado", de Arrabal.

Mas foi com "Na Carrera do Divino" — uma pesquisa sobre o caipira paulista —, que ficou em cartaz durante dois anos, que o grupo alcançou sucesso nacional, recebendo nove prêmios da crítica.